

O Estudante, de A. Tchékhov

Começou fazendo tempo bom, quieto. Os pássaros berravam e, das vizinhanças do brejo vinha um zumbido queixoso, como se alguém soprasse numa garrafa vazia. Uma galinha aparece e leva um tiro, que ecoa cortante e alegre pelo ar primaveril. A chegada da noite, depois, que vem do leste e cai sobre a floresta soprando um vento frio impróprio, faz tudo silenciar. Pequenas agulhas de gelo começam a brotar pelas poças d'água, e tudo, tudo na floresta torna-se incômodo, mudo e hostil. Cheira a inverno.

Ivan Velikopólski, estudante seminarista e filho do diácono, voltava para casa apressado pela trilha que cortava o pântano. Os dedos já entorpeciam e o vento queimava o rosto. Parecia que aquele vento repentino chegara para destruir toda a ordem e o consentimento, de uma forma tão estranha à própria natureza que, por isso mesmo, a noite engrossara antes do que devia. Os arredores estavam desertos e especialmente sombrios. Uma fogueira luzia na horta das viúvas, e só. Lá longe, onde ficava a aldeia, a umas quatro verstas, tudo mergulhava inteiramente no gelado breu da noite. O estudante se lembrou de como, ao sair de casa, sua mãe limpava o samovar sentada no chão, descalça. Lembrou de como seu pai se esquentava deitado aos pés do forno, tossindo. Lembrou de como não se cozinhava nada em casa naquela sexta-feira da Paixão, e de como queria-se dolorosamente comer. Encolheu-se de frio e pensou em como aquele mesmo vento já soprava

nos tempos de Riúrik. Depois, pensou em como já soprava também nos tempos de Ivan o Terrível e também nos tempos de Pedro, o Grande¹. Pensou em como existia, também, a mesma pobreza feroz, a fome, os mesmos telhados esburacados de palha, a ignorância, a angústia, aquele mesmo deserto ao redor, as trevas, o sentimento de opressão. Todos horrores que existiam, existem e existirão, e poderiam passar mais mil anos que a vida não se tornaria melhor. Ivan não quis ir para casa.

Chamava-se “horta das viúvas” por que era uma horta de duas viúvas, mãe e filha. Uma fogueira queimava calorosa, aos estalidos, iluminando longe a terra lavrada. A viúva Vacilissa, velhota alta e gorda, metida num capote masculino, estava parada em pé ao lado do fogo e olhava pensativa para a labareda; sua filha, Lukéria, pequena, sardenta e de rosto estúpido, estava sentada no chão de terra e lavava um caldeirão e algumas colheres. Obviamente tinham acabado de jantar. Ouviam-se as vozes masculinas dos serviçais, que davam de beber aos cavalos no rio ali perto.

– Olhem só, não é que o inverno voltou, mesmo? – disse o estudante, se aproximando da fogueira. – Olá!

Vacilissa se assutou, mas logo em seguida se lembrou do menino e abriu um sorriso amigável.

– Nem te reconheci, você vai ficar rico!² – disse ela. – Deus o guarde.

Conversaram. Vacilissa – mulher experiente, serva ama-de-leite por algum tempo, depois babá – se expressava delicadamente e seu rosto abria sorrisinhos leves, aos poucos; sua filha, Lukéria, mulher da aldeia surrada pelo marido, olhava vesga e calada para o estudante, com uma expressão estranha, quase surdomuda.

– Foi assim que o apóstolo Pedro se esquentou numa fogueira, – disse o estudante, estendendo as mãos para o fogo. – Ou seja, naquela época também fazia frio. Que noite mais estranha, não, tia? Uma noite extraordinariamente triste, e longa!

Olhou ao redor para a escuridão. Perguntou, suspirando:

– Suponho que você já tenha ido às leituras dos doze evangelhos, tia?

– Fui, sim – respondeu Vacilissa.

– Lembra o que Pedro disse a Jesus, na última ceia? “Contigo eu estou pronto para ir até a escuridão, e até a morte.” E o senhor lhe respondeu: “Te digo, Pedro, não cantará o galo hoje até que você me tenha negado três vezes, dizendo que não me conhece.” Depois, enquanto Jesus sofria mortalmente no jardim, o pobre Pedro, de alma cansada, fraco, sentia os anos pesados em suas costas. Sem forças para lutar contra o sono acabou adormecendo e o resto você já sabe. Judas, na mesma noite beijou Jesus e o traiu para seus inimigos. Foi levado acorrentado até o sacerdote e espancado. Pedro, prostrado, incomodado pela angústia e pela ansiedade, entende. Ele pressentiu, sem ter dormido, que aqui na terra estava para acontecer algo terrível, e seguiu. Pedro amava Jesus apaixonada e incondicionalmente, e agora via de longe como o espancavam.

Lukéria deixara as colheres e agora mantinha um olho fixo no estudante.

– Chegaram ao sacerdote, – continuou, – começaram a interrogar Jesus e, ao mesmo tempo, os trabalhadores acenderam uma fogueira no meio do pátio. Estava frio, eles precisavam se esquentar. E ali do lado do fogo, com eles, estava Pedro, e se esquentava também, assim como eu, agora. Uma mulher o viu e disse: “Este aqui também estava com Jesus”, ou seja: ele também precisava ser levado ao interrogatório. E todos os trabalhadores acorados em volta da fogueira olharam desconfiados e severos para ele, porque Pedro se incomodara e dissera: “Não o conheço.” Um pouquinho depois mais alguém reconheceu nele um dos discípulos de Jesus e disse: “Você também é um deles.” Mas Pedro mais uma vez negou. E pela terceira vez alguém se dirigiu a ele: “Não foi você que vi com ele hoje no jardim?” E Pedro negou pela terceira vez. Depois disto, imediatamente cantou o galo e Pedro, assistindo de longe a Jesus, lembrou-se das palavras que este lhe dissera durante a ceia. Lembrou, voltou a si, saiu do pátio e amargo, amargo chorou. Nos evangelhos está escrito: “E partira, chorando amargamente”. Eu fico imaginando: o jardim quieto, quieto, escuro, escuro, na escuridão mal se ouve o chorinho surdo...

O estudante suspirou e pensou. Continuando a sorrir, Vacilissa de repente soluçou e lágrimas grandes e abundantes começaram a deslizar sobre suas bochechas. Ela afastou com as mãos o rosto do fogo, com vergonha de seu próprio pranto. Lukéria corou olhando fixamente para o estudante, e sua expressão ficou pesada, tensa, como numa pessoa que suporta uma dor imensa.

Os serviçais voltavam do rio. A luz do fogo já tremeluzia na figura do primeiro, que vinha montado a cavalo. O estudante desejou às viúvas uma boa noite e seguiu em frente. Mais uma vez rodearam-no as trevas e seus dentes começaram a ranger. O vento soprava cruel. De fato retornava o inverno, e não parecia nada que depois de amanhã seria Páscoa.

O estudante pensava em Vacilissa: se tinha chorado, é que tudo que passara naquela noite estranha com Pedro fazia, para ela, algum sentido...

Olhou em torno. O fogo solitário piscava calmo na escuridão, e ao seu redor já não se viam as pessoas. O estudante novamente pensou que, se Vacilissa chorara, e sua filha se incomodara, então obviamente aquilo que contara, ocorrido dezenove séculos atrás, possuía relação com o presente - com as duas mulheres, e claro, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todos os homens. Se a velhinha havia chorado não era porque ele sabia contar histórias, mas porque Pedro lhe era próximo, e porque ela se interessara, com todo o seu ser, por aquilo que acontecera na alma de Pedro.

De repente sentiu uma alegria levantar-se em sua alma. Uma alegria tão grande que teve até mesmo de parar por um minuto, a recobrar o fôlego. O passado, pensou, liga-se ao presente por uma corrente ininterrupta de acontecimentos, que brotam um do outro. A impressão que tinha era que acabara de ver as duas pontas desta corrente: tocara uma delas, distanciara-se da outra.

Ao se aprumar no barquinho para cruzar o rio, viu sua aldeia natal levantando-se sobre a montanha ao leste, por onde, como uma fita, a fina e gélida aurora carmim inundava o céu. Pensou que a verdade e a beleza, que haviam dirigido a vida dos homens lá no pátio do sacerdote continuavam ininterruptamente até os dias de hoje, e, ao que lhe parecia, sempre seriam o principal na vida humana, e na Terra de forma geral; a sensação de juventude, saúde, força – ele tinha apenas vinte e dois anos – e a inexpressável doce espera da felicidade, da invisível e secreta felicidade, tomaram conta dele aos pouquinhos. A vida lhe parecia deliciosa, maravilhosa, e cheia do sentido mais elevado.